

## O PRESENTE

Gary Swanson

Na sala de espera do consultório médico, a mãe, sentada em uma poltrona, uma imitação de couro, cutucava as unhas apreensivamente. Com o cenho franzido, observava seu filho, Kenny, de cinco anos, no tapete à sua frente.

Ele é pequeno e magrinho demais para sua idade, pensou ela. O cabelo liso do garoto, louro e macio, chegava até a altura da orelha. A cabeça estava envolta em gaze branca, que cobria seus olhos e apertava as orelhas.

O garoto balançava no colo um ursinho de pelúcia: o orgulho da vida desse menino, embora estivesse bem usado e já lhe faltassem um braço e um olho. A mãe já tentara se desfazer do ursinho duas vezes, propondo trocá-lo por um novo, mas como o garoto fazia espalhafato, acabou cedendo. Ela inclinou a cabeça um pouco e sorriu para ele.

Na verdade - suspirou ela - isso é tudo o que ele tem.

A enfermeira apareceu à porta e chamou: "Kenny Ellis". A jovem mãe pegou o garoto e seguiu a enfermeira até o consultório. O corredor cheirava a álcool e a ataduras. Desenhos de crianças revestiam as paredes.

- O médico estará aqui com vocês logo mais. Por favor, sentem-se - disse a enfermeira com um sorriso experiente.

A mãe colocou o garoto sobre a maca em que seria examinado e lhe disse gentilmente:

- Cuidado para não cair, meu docinho!

- Mãe, esta cama é muito alta?

- Não, meu querido, mas tenha cuidado!

a garoto abraçou seu ursinho ainda mais:

- Também não quero que o Cara-de-bravo caia no chão.

A mãe sorriu, mas esse sorriso transformou-se em uma expressão que traduzia sua preocupação. Ela arrumou o cabelo do garoto que caía sobre a face e acariciou, com o dorso de sua mão, a bochecha dele, macia e aveludada. Quando a música de fundo, ininterrupta, começou a tocar uma versão lúgubre de *Noite silenciosa*, ela lembrou o acidente pela milésima vez.

Ela sempre usara as bocas de trás do fogão, mas ali estava a água, na boca dianteira, fervendo para o mingau de aveia.

a telefone tocou, e ela foi à sala para atendê-lo. Era mais uma dessas ofertas para receber algo "inteiramente grátis", mas que na verdade era muito caro. No momento em que desligou o telefone, Kenny gritou na cozinha: um grito estardalento de dor, que a sobressaltou e fez o seu sangue de mãe gelar nas veias.

Relembrar isso a fez estremecer novamente, e ela limpou uma lágrima que descia sobre sua face. Havia seis semanas que esperavam por esse momento.

- Só poderemos retirar o curativo uma semana antes do Natal - dissera o médico.

A porta do consultório abriu e o Dr. Harris entrou. Bem animado, disse:

- Bom dia, Sra. Ellis! Como vai?

- Bem, obrigada! - retrucou, embora estivesse muito apreensiva para sustentar qualquer tipo de conversa.

O Dr. Harris inclinou-se sobre a pia e lavou demoradamente as mãos. Ele era bem cuidadoso com os pacientes, mas muito desleixado consigo mesmo. Quase nunca conseguia ter tempo para cortar o cabelo, liso e negro, que cobria o colarinho de sua camisa. A gravata, afrouxada, permitia que o colarinho ficasse aberto.

- Bem - disse ele, enquanto sentava em um banquinho vamos dar uma olhada nisto aqui!

Ele cortou suavemente a gaze e a desenrolou com cuidado.

a curativo foi retirado, mas ainda restavam dois pedaços de gaze, presos com esparadrapo, que cobriam os olhos de Kenny.

a Dr. Harris levantou bem devagar a borda do esparadrapo, procurando não ferir o garoto, pois a pele, nessa região, estava muito sensível.

Kenny abriu os olhos bem devagar, piscou diversas vezes, como se a luz repentina o tivesse ferido. A seguir, olhou para sua mãe e sorriu:

- ai, mamãe! - disse ele.

A mãe, sem fala e soluçando, envolveu Kenny em seus braços.

Não conseguiu dizer nada por algum tempo, pois abraçava o garoto e chorava de gratidão. Por fim, dirigiu-se ao Dr. Harris, com os olhos rasos de água, e disse:

- Não sei como poderemos pagar o senhor!

- Já discutimos este assunto antes! - retrucou o médico com um balançar de mãos. - Sei como as coisas são difíceis para a senhora e o Kenny. Fico feliz por tê-los ajudado!

A mãe enxugou as lágrimas com um velho lenço, ficou em pé e segurou Kenny pela mão. No entanto, enquanto dirigia-se li porta, Kenny se desvencilhou dela e ficou olhando, cheio de dúvidas, para o médico. A seguir, levantou o ursinho pelo único braço que possuía e o entregou ao médico.

- Fique com o meu Cara-de-bravo, pois ele deve valer muita grana.

O Dr. Harris, sensibilizado, pegou o ursinho e agradeceu:

- Muito obrigado! Isso certamente vale muito mais do que eu cobraria pelo tratamento.

Os dias que antecederam esse Natal foram especialmente agradáveis para Kenny e sua mãe. A noite, sentavam-se por longas horas para observar as luzes da árvore de Natal que piscavam sem parar. Kenny, após seis semanas em que tivera os olhos cobertos por aquele curativo, relutava em fechá-los para dormir. O fogo crepitando na lareira, a neve grudada no vidro da janela de seu quarto, embaixo da árvore dois únicos pacotes de presentes, enfim todas as cores e luzes do Natal o deixavam fascinado.

Então, à véspera do Natal, a mãe de Kenny atendeu à porta e, embora não houvesse ninguém ali, viu na soleira uma enorme caixa embrulhada em papel dourado e com um grande laço vermelho. Um cartão preso à fita indicava que a caixa era endereçada a Kenny Ellis.

Kenny, com um sorriso, desfez afobado o laço da caixa, abriu a tampa e retirou um ursinho - seu querido Cara-de-bravo.

A diferença é que agora tinha um novo braço, feito de veludo marrom, e dois olhos novinhos, feitos de botões, que brilhavam na luminosidade suave das luzes de Natal. Parece que Kenny nem se importou que o novo braço não combinava com o outro, pois apenas abraçou seu ursinho e deu um largo sorriso.

Na caixa, entre os papéis de seda que envolviam o ursinho, a mãe encontrou um cartão: “Querido Kenny, algumas vezes condigo dar um jeito em garotos e garotas que se machucam, mas a Sra. Harris teve de me ajudar a consertar o Cara-de-bravo. Ela é uma médica de ursinhos muito mais competente do que eu! Feliz Natal! Dr. Harrids.

- Mãe! Olha aqui mãe! - disse Kenny, com um sorriso, enquanto mostrava os olhos feitos com botões. - O Cara-de-bravo também pode enxergar de novo! Exatamente como eu!

### Quando os Ventos São Turbulentos

Se sua vida está turbulenta - com os ventos de mudança, os ventos da adversidade, ou talvez, os ventos constantes das exigências e expectativas que deixam você se sentindo arrasado - anime-se. Minha mãe costumava dizer: “As raízes se aprofundam mais quando os ventos são turbulentos”. CHARLES R. SWINDOLL